

# O Jornal Brasil, Urgente e a revolução brasileira

Wellington Teodoro da Silva  
PUC Minas / UFJF  
wteodoro@pucminas.br

*Deus não é mentiroso como certa paz social.*  
Frei Thomas Cardonnel

O jornal *Brasil, Urgente* foi lançado em São Paulo no dia 17 de março de 1963 e durou até abril de 1964, quando foi fechado pelo golpe militar. Ao todo foram 55 números. Ele manteve, ao longo de toda a sua duração, o formato tablóide e média de 20 páginas. Contou com diversos colunistas nas áreas de política brasileira, cultura, economia, política exterior e humor. Havia uma equipe fixa e outros que escreviam eventualmente.

Frei Carlos Josaphat, em entrevista para nosso trabalho, informou que o jornal foi originalmente inspirado na imprensa católica clandestina durante a França ocupada pelos nazistas. O jornal ele deveria ser, portanto, um jornal de libertação de um povo que não tinha uma imprensa.

Outras pessoas e movimentos, ainda segundo frei Josaphat, influenciaram o movimento fundador: Emmanuel Mounier, e sua perspectiva humanista personalista e comunitária, Jacques Maritain, o movimento de economia e humanismo ligado ao padre Lebreton e a “todos os movimentos de renovação francesa”<sup>1</sup>, como a renovação bíblica, ecumênica e litúrgica.

Segundo frei Josaphat, o movimento *Brasil, Urgente* também foi influenciado pela renovação da relação entre a Igreja e a sociedade, como o movimento operário cristão, feitos, por exemplo, pela JOC e pelos padres operários. Esses movimentos não levavam uma mensagem estrangeira ao mundo do trabalho operário, mas, elaboravam a mensagem a partir desse lugar, participando “da luta dos trabalhadores”.<sup>2</sup> Segundo Frei Carlos esses movimentos tinham

---

<sup>1</sup> Entrevista com frei Carlos Josaphat, realizada no dia 02 de março de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

<sup>2</sup> Entrevista com frei Carlos Josaphat, realizada no dia 02 de março de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

uma compreensão de que o evangelho não deveria apenas ser uma doutrina religiosa apresentada aos trabalhadores, mas ir ao encontro deles para ajudá-los na luta libertadora, que não devia ser feita pelo ódio, pelo comunismo, etc., mas por uma inspiração humana, cristã.<sup>3</sup>

O movimento de cristãos que se traduziu no jornal *Brasil, Urgente* iniciou-se em 1961 com as palestras de Frei Carlos Josaphat no convento dominicano das Perdizes. Elas eram grandes momentos entre a intelectualidade paulistana e, ainda, contavam com ouvintes de outros estados em passagem por São Paulo. Dentre os participantes podemos citar o governador de Pernambuco Miguel Arraes e o deputado e ministro de João Goulart Paulo de Tarso. As missas dos dominicanos também eram muito concorridas. Suas homilias e palestras eram ouvidas por cerca de 1.000 pessoas.

A organização efetiva do jornal começou no ano de 1962. As bases para esse grande projeto foram construídas ao longo desse ano. A principal tarefa empreendida foi a reunião de 8.000 acionistas para a constituição da sociedade anônima Veritas, que é o lema da Ordem dos Dominicanos. Entre os meses de abril de 1963 e abril de 1964 ele funcionou como jornal semanal presente nas bancas de todo o país e em outros países.

O movimento *Brasil, Urgente* teve, portanto, dois anos de vida: o primeiro de sua gestação, em 1962 até março de 1963, e o segundo da sua existência efetiva como jornal semanal, de março de 1963 até abril de 1964.

O jornal, em todo o seu período de duração, preocupou-se em dizer aos leitores que ele existia com dificuldades e caminhava pela contramão. Ele afirmava não fazer parte da “grande e saudável” imprensa. Pelo contrário, propunha-se a realizar uma imprensa alternativa a estes jornais regulares que, por seus lados, constituíam-se nos porta-vozes dos interesses de grupos econômicos dominantes, segundo o *Brasil, Urgente*. Esse jornal, por sua vez, não era uma imprensa alternativa como aquelas que se especializava em um setor cultural específico, como o teatro ou a poesia.

Esse movimento surge a partir da constatação e da negação ética de uma estrutura social, política e econômica existente no Brasil e no mundo no início da década de 1960 e da compreensão de que essa realidade podia ser superada. Essa

---

<sup>3</sup> Entrevista com frei Carlos Josaphat, realizada no dia 02 de março de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

superação traduziria-se num evento revolucionário de superação de estruturas velhas e construção de estruturas novas que permitissem o desenvolvimento de todas as pessoas em igualdades de condições. Portanto, o seu triplo movimento constitui-se em constatar, negar e superar; imposto pela sua auto compreensão de jornal do povo a serviço da justiça social.

A necessidade de se fundar um jornal surge a partir da compreensão de que era impossível fazer um movimento social sem a opinião pública. A mídia seria o veículo de construção da hegemonia em círculos cada vez maiores de formação de opinião. O jornal *Brasil, Urgente* aparece como um projeto de mobilização social. Propunha ser o veículo de fomento da mobilização dos demais setores da sociedade. Seu núcleo fundador acreditava que suas repercussões teriam longo alcance, que produziria grandes impactos na política e na economia do Brasil. Ele seria o porta voz, e, ao mesmo, o espaço de convergência desse muito amplo movimento social.

A idéia inicial dos fundadores era transformar o jornal o quanto antes num jornal diário, que publicasse semanalmente edições culturais e políticas mais densas. Dessa forma, cumpriria-se o objetivo de informar e formar opinião, ampliando o alcance para os diversos setores sociais em suas particularidades. Alcançaria-se os estudantes, os profissionais liberais, os operários, as donas de casa e outros grupos. O jornal diário manteria a característica de ser o espaço dinâmico da informação cotidiana e às demais publicações caberia a responsabilidade da formação mais sólida.

Maria Olympia França, uma das fundadoras e diretora do jornal, informa uma palavra que nomeia o espírito das pessoas envolvidas no denso processo do *Brasil, Urgente*: **Acreditávamos**.<sup>4</sup> Essa palavra é uma chave hermenêutica de todo o amplo movimento social que tomava forma e conteúdo a partir da segunda metade da década de 1950 e início dos anos 60. Período carregado de trânsito cultural, político e econômico. Esse momento produziu grande encantamento e sensação de poder com a descoberta de que os povos poderiam autodenominar-se. A experiência cubana de 1959 mostrou aos latino-americanos que lhes era possível refundar suas estruturas econômicas e sociais. Havia uma frase muito comum entre os militantes dos movimentos sociais de então: “O processo é irreversível”. Eles experienciavam a

---

<sup>4</sup> FRANÇA, Maria Olímpia p. 435. In FRANÇA in BETTO, MENESES, JENSEN, 2002. Este em negrito no original.

consciência de que vivia-se num/um período de transição. Onde uma dada realidade social, político, econômico e cultural estava em seus momentos finais.

Segundo Maria Olímpia França, o movimento fundador elaborou alguns pontos que tornavam legítimas, plausíveis e necessárias as proposituras do *Brasil, Urgente*, a saber:

- Havia um povo e pessoas dirigentes ainda interessados em construir e lutar, sem interesses pessoais, pelo Brasil.
- Havia um espaço vazio de lideranças que aglutinassem as forças construtivas e éticas em seus desejos na melhoria do Brasil. Essas forças e desejos, se mobilizados, por uma crescente participação social, trariam como consequência a recuperação da identidade individual e social então perdida no estado de confusão moral e política que então se encontrava o Brasil.
- Era preciso e possível prosseguir. Os percalços da vida, se transformados em desejos e desafios ou gincanas, ganham um quê de lúdico.
- Fica evidente que, apesar da situação caótica de ideologias no Brasil, situação essa que preconizava uma perda de valores morais, éticos e sociais, poderia haver uma contramão nesse desfazer de valores, desde que fosse apresentado aos cidadãos um “o que construir”. Pelo menos uma parte da população, as então chamadas classes médias, aspiravam ao resgate de seus valores para a constituição de suas identidades. Para tanto, era necessário coragem de denunciar os focos de desmoralização do auto-respeito infligidos em todos nós pelas forças individualistas, as quais tentavam, cada uma a seu modo, ficar com o filão maior do bolo.
- Para denunciar o pântano subjacente ao pretense crescimento social e ideológico do Brasil, era preciso chegar aos meios de comunicação sem comprometimentos de qualquer ordem. Daí nascer a idéia de um jornal independente, sem compromisso com os privilégios. Era a tentativa de fazer nascer uma práxis que contivesse em seu interior o saber real produzido pelas ideologias de cunho autocrático, dogmático e conservador.
- O perfil de um líder – o cidadão civilizado – vida e antvida.<sup>5</sup>

Havia uma dupla condição objetiva que oferecia a convicção necessária para a viabilidade do *Brasil, Urgente*. Por um lado, acreditava-se que haviam pessoas com as qualidades necessárias ao militante virtuoso e, por outro lado, havia vácuos nos círculos de liderança política capazes de reunir ao seu entorno as forças virtuosas da sociedade. A ação era o imperativo desse movimento que acreditava, em seu ambiente fundante, na história como uma realidade impermanente e na força transformadora do militante virtuoso. Aquele que age visando apenas a construção do bem comum, sem motivações individuais.

---

<sup>5</sup> FRANÇA, Maria Olímpia. p. 441/442. In BETTO, MENESES, JENSEN, 2002.

Em seus movimentos, o grupo fundador do *Brasil, Urgente* buscava elaborar o ato religioso do *anúncio* e o ato político da *denúncia*. Esse esforço acontecia, sobretudo, através da tradução qualitativa da realidade através das lentes legitimadoras das Encíclicas Sociais de Ângelo Roncalli.

João XXIII ateara o fogo com suas encíclicas e pelos Concílios I e II (sic). A tocha uma vez acesa, nos dava direito a vôo. O vôo levantado, podíamos perceber horizontes outros, abertos por setores que até então nem sempre eram vistos como “dignos de confiança”. Essa possibilidade de saída do feudo clerical talvez tenha sido o fruto mais valioso para o grupo inicial, fundador do jornal, nascido em berço cristão. Arrepia-me pensar que possamos ter feito parte daqueles para os quais “fora da instituição Igreja não há solução” ou, presunçosamente, nos pensarmos como escolhidos. Ah, antes esse preconceito estivesse somente à moral ou no certo ou errado das ideologias!...<sup>6</sup>

O jornal publica entrevistas como a que foi feita com Vinícius Caldeira Brant, presidente da União Nacional dos Estudantes. O título da entrevista é “UNE: aliança povo-estudantes assusta classe dominante”. Ela analisa o movimento estudantil e a realidade social, política e econômica brasileiras do período.

Segundo Brant:

Se analisarmos a realidade brasileira atual (...) com o desenvolvimento econômico capitalista, feitos às custas dos desequilíbrios que o caracterizam, e a progressiva integração da burguesia na área imperialista, veremos que os problemas do povo só se resolverão através de transformações mais profundas. As classes dominantes procuram encontrar esquemas para corrigir o desequilíbrio, esperando com isso amainar as tensões e manter a estrutura. Ora é o moralismo, propondo-se fortalecer a autoridade do Estado; ora são as reformas de base, que hão de passar sem tocar na estrutura; ora são os planos de estabilização monetária. Mas o desequilíbrio e as tensões são próprias do desenvolvimento capitalista e pouco valerão as medidas superficiais que se pretendam adotar.

Sobre o cristão na política, Brant nega o pensamento da esquerda e da direita que supõem a fé religiosa como essencialmente alienantes e / ou apolíticas. Essa compreensão permitia as proposituras, comuns no período, que afirmavam que o cristão na política era um inocente útil, ou, ainda, que eram comunistas usando um biombo cristão.

---

<sup>6</sup> FRANÇA, Maria Olímpia. p. 436/437. In BETTO, MENESES, JENSEN, 2002.

Considero (...) que a perspectiva fundamental da vida de um cristão leigo, no século XX, é a do engajamento histórico. Nossa participação no campo temporal, que especificamente nos cabe, é um instrumento de aproximação de todos os homens com Cristo e sua mensagem. Não é uma atividade propriamente apostólica no campo confessional, mas que se desenvolve através da cristofinalização de que nos fala Congar. A participação na vida política nacional (...) torna-se, assim, um dever que decorre precisamente do engajamento cristão.

Brant, com vinte e dois anos revela, na entrevista, uma grande informação teológica, necessária para o esforço de articular a missão do cristão leigo diante dos imperativos das questões da realidade ao seu entorno. Segundo ele, a não participação da vida política significava assumir uma postura egoística incompatível com a vida cristã. A política é uma decorrência da missão do cristão. Essa compreensão é de um militante oriundo da Juventude Universitária Católica e nos demonstra o horizonte de proposituras do cristianismo da libertação nesse meio.

A matéria seguinte, “Subdesenvolvimento explode em guerrilhas!”, analisa o surgimento de guerrilhas na América Latina. O seu texto compreende que elas são conseqüências de uma realidade social, política e econômica cujo funcionamento sistêmico opera na exclusão e na produção da pobreza de massas cada vez maiores. E, ainda, analisa a economia latino americana e a brasileira identificando as quedas no seu desenvolvimento. Artigo inicia com o parágrafo seguinte, em forma de epígrafe.

“Os historiadores do futuro definirão nossa época como a época revolucionária mais intensa e mais extensa que o homem já conheceu”. Essas palavras do senador chileno Radomiro Tomich refletem com precisão a gravidade da situação na América Latina: época revolucionária, sim; ao contrário do que ocorria há pouco, não são mais as quarteladas que ameaçam as estabilidades dos governos – quarteladas que traduziam a luta travada entre facções em geral representativas de interesses alienígenas. Agora são as próprias estruturas que são postas em xeque por revoltas e agitações generalizadas. Já não se condena os governantes, mas as instituições. Já não são apenas isolados os protestos de letrados que apontam as falhas e injustiças do sistema vigente. É o próprio povo que mediante uma participação ativa nos movimentos políticos, reclama a instauração de melhores condições de vida, sinal certo de que o ciclo colonial na América Latina se aproxima do seu fim. Estamos diante de revoluções nacionais. Este é o dado novo do problema.

O artigo faz uma análise da guerrilha venezuelana como se fosse um estudo de caso de uma realidade que poderia com muita possibilidade acontecer no Brasil e em toda a América Latina. Ele informa a existência de terrorismos, sabotagens e núcleos

de guerrilhas. Esse país vivia uma profunda crise. Houve, em 1960, dezenas de motins populares com a participação de estudantes e operários. Em 1961 houve dois levantes militares. Em 1962 outros dois motins militares e guerrilhas na Sierra Del Toro que continuavam até o momento em que a matéria foi escrita.

Durante a leitura da matéria, descobrimos que ela busca legitimar a guerrilha ou, pelo menos, dar-lhe plausibilidade. Esforça-se por retirá-la das raias do absurdo e do sem sentido. O argumento para tal é simples e firma-se no dado de que o guerrilheiro não consegue manter-se sem uma rede de apoio da população civil. Ela dá aos guerrilheiros o seu apoio porque vê legitimidade em suas propostas de ação e em seus projetos para o país. O apoio que a população dá para a guerrilha é o sustento suficiente de sua legitimidade. No mesmo movimento, esse apoio revela a profunda crise que se encontrava a Venezuela. Essa crise é estrutural. Como afirma o fragmento: “A persistência das guerrilhas venezuelanas demonstra que o povo as protege, abrigando-as e defendendo-as das investidas governamentais. Que melhor prova de insuficiência do sistema político-social venezuelano?”

A matéria informa, ainda, que na Colômbia havia um movimento semelhante, a ponto desse país ter feito um convênio com a Venezuela de ajuda mútua para o extermínio dos combatentes. O artigo também chama os guerrilheiros de combatentes. Pensamos que chamá-los também dessa forma é uma tentativa do autor de valorizá-los, retirando o peso negativo que a palavra guerrilheiro possuía. As propaganda dos governos latino-americanos contra esses sujeitos faziam-se chamando-os de guerrilheiro e terroristas. O artigo, por sua vez, chama-os de guerrilheiros e combatentes.

A Argentina e o Peru também são citados como países que assumem uma postura de impedimento de convivência democrática, impedindo ao povo o exercício dos direitos formais da democracia, “sob pena de dissolução da estrutura social”. A “verdadeira democracia” acarretaria a dissolução das estruturas autoritárias da América Latina, segundo a matéria.

Seguindo na crítica às estruturas e aos sistemas sócio-políticos latino-americanos, o texto cita, também, o caso da ditadura de Stroessner, no Paraguai, que apenas conseguia manter-se graças ao apoio dos Estados Unidos. Informa, ainda, o caso do Panamá. Nesse país havia um dos mais agudos focos de revolta apesar da

presença maciça dos Estados Unidos, cujo Departamento de Estado promovia oficialmente o treinamento antiguerrilhas, segundo o jornal.

A matéria conduz o leitor para a idéia de que o fenômeno da guerrilha e de outras formas de lutas violentas, não é uma contingência localizada em um ou dois países. Esse evento acontecia na grande maioria dos países da América Latina de maneira sistêmica. A diferença seria apenas gradual. Ele inclui as ligas camponesas brasileiras nesse ambiente afirmando que “No Brasil, as Ligas Camponesas já têm sido responsável por numerosos choques armados, mais vezes que a imprensa diária deixa perceber.”

O texto interpreta as causas dos movimentos guerrilheiros partindo da seguinte questão: “Donde proviria tamanho furor revolucionário que não encontra, praticamente, exceções em toda a América Latina?” Após negar que as causas devam-se à infiltração comunista ou à agitação promovida por Moscou ou Cuba, ele envereda pela enunciação e análise de dados econômicos, considerando que neles estão as causas efetivas:

Uma deficiência de habitações, de 45% nas zonas urbanas e 90% nas zonas rurais, explicaria melhor esses movimentos. O fato de 1,5% da população deter mais de 50% das terras justifica melhor a revolta generalizada. De 1937 a 1938, as exportações desta área representavam 10% das exportações mundiais; hoje são apenas 6,5%. Enquanto de 1953 a 1960 as exportações mundiais cresceram em 56% as da América Latina não excederam 13%. O Brasil, o país mais rico da América Latina, recebia em 1950, 1.345.467.000 dólares por uma exportação de 3.819.083 toneladas. Em 1958, produziu 217% mais, recebeu apenas 1.242.987.000 de dólares.

Esses dados, em palavras, se traduzem por miséria, atraso, empobrecimento, estagnação, níveis de vida dependentes, ou seja, subdesenvolvimento.

Também é importante citar a resenha do livro *Evangelho e Revolução Social*, de Frei Carlos Josaphat, feita pelo próprio autor e assinada por Ruy do Espírito Santo, um dos fundadores e diretores do *Brasil, Urgente*. Segue o primeiro parágrafo da resenha:

Não foi por simples coincidência que o aparecimento de *Brasil, Urgente* foi precedido pelo lançamento do livro *Evangelho e Revolução Social* de Frei Carlos Josaphat. Para os organizadores deste jornal e particularmente para a equipe que o dirige, o livro do teólogo dominicano é absolutamente fundamental. Para nós que acompanhamos o processo político-social brasileiro e sentimos a

força renovadora do cristianismo autêntico, a síntese doutrinal oferecida por frei Carlos nos soa assim como um manifesto daquilo que é indispensável para a nossa militância na batalha contra a miséria e a injustiça.

Esse livro é a sistematização de um trabalho de doutrinação social, segundo a resenha. Foi o resultado dos cursos que Frei Carlos Josaphat ministrou no segundo semestre de 1961, logo após a publicação da encíclica *Mater et Magistra*, do Papa João XXIII. Participaram destes cursos cerca de 2000 pessoas. O autor da resenha diz que essas séries de conferências foram muito debatidas e muito marcantes. Representaram, senão o início, pelo menos a intensificação do movimento que está na origem de *Brasil, Urgente*. “As dez conferências foram reunidas em um opúsculo modesto, sob o título *A Justiça Social na Bíblia e no Ensino Social da Igreja*.”

A resenha considera o livro como imprescindível para todo homem de ação e apresenta algumas conclusões: “Uma sociedade estruturada em vista do enriquecimento ou dos privilégios de alguns é simplesmente uma sociedade pagã, mesmo que os seus componentes tenham sido levados pelo batismo cristão.” Afirma que o cristão deve ter um profundo sentido da história.

Segundo a resenha, Frei Carlos prolonga a “Revolução Personalista e Comunitária” de Emmanuel Mounier e oferece ao leitor, nas páginas finais do livro, um programa de vida e de luta. A primeira edição do livro foi praticamente esgotada em três meses. Ela propunha, ainda, que, naquele momento, “Evangelho e Revolução Social” era a obra mais oportuna e necessária.

Por fim, o editorial deste primeiro número do *Brasil, Urgente* informa objetivamente o estatuto do jornal que então principia. Ele manifesta sua auto compreensão. Afirma com grande ênfase para o leitor que ele não “nasceu de interesses econômicos”. Sua existência deve-se aos seus oito mil acionistas, todos eles movidos pela consciência da necessidade de “um Jornal livre, a serviço exclusivamente da verdade e da justiça social.” Afirma que ele será independente de grupos financeiros, trustes, etc, para poder ter a liberdade de dizer “a verdade. A verdade sobre os homens. Sobre as instituições. Sobre a conjuntura nacional e internacional” e cumprir a sua *missão*, orientada pelas palavras “liberdade, verdade e justiça. Custe o que custar. Doa a quem doer.”

Encerramos aqui nossa comunicação coordenada. Esse tema ainda está sob pesquisa orientada de doutorado e esperamos ter conseguido comunicar nossos alguns resultados parciais de nosso esforço de pesquisa.

### Referências Bibliográficas

- ALVES (1), Márcio Moreira. *A Igreja e a Política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na Universidade e na Política*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização*. In Holanda, Sérgio Buarque de (org.) *O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964)*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- BETTO, Frei; MENEZES, Adélia; JENSEN, Thomas. (orgs.). *Utopia Urgente – escritos em homenagem a frei Carlos Josphat*. São Paulo: Casa Amarela / EDUC, 2002.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *A Bênção de Abril – Brasil, Urgente: memória e engajamento católico no Brasil (1963-1964)*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *As Revoluções Utópicas dos Anos 60 – a revolução estudantil e a revolução política na Igreja*. São Paulo: Editora 34, 2006. 3ª edição. 1ª em edição 1972.
- BRUNEAU, Thomas C. *O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira e SOUZA, Beatriz Muniz de. *Igreja Católica: 1945 – 1970*. In FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III – O Brasil Republicano. 4º Volume – Economia e Cultura (1930 – 1964). 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CARDONNEL, Thomas, VAZ, Henrique e SOUZA, Herbet José de. *Cristianismo Hoje*. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1962.
- CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 2ª edição.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil (O desenvolvimento*

- da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do Século XX – sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro*. Em *Novos Estudos CEBRAP* 12 / Abril – Maio de 1975.
- FIERRO, Alfredo. *O Evangelho Beligerante*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- FILORAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. *As ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus: 1999.
- KADT, Emanuel de. *Católicos Radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003
- JOSAPHAT, Frei Carlos. *Evangelho e Revolução Social*. São Paulo: Duas Cidades, 1963. 3ª Edição.
- MOURA, Odilão. O.S.B. *Idéias Católicas no Brasil – direções do pensamento católico brasileiro no século XX*. São Paulo: Editora Convívio, 1978.